

**O choque cultural na produção do sofrimento psíquico:
notas de uma apreciação antropológica do livro
*A síndrome de Ulisses***

ALEF DE OLIVEIRA LIMA*

Resumo

O presente ensaio trata de uma discussão antropológica em torno do livro *A síndrome de Ulisses*, objetivando compreender a maneira pela qual o choque cultural enquanto categoria analítica pode ser pensando em termos de efeitos patológicos sobre o psiquismo dos sujeitos. Lembrando que a base metodológica do texto se centra no uso de uma apreciação literária dos personagens e narrativa presentes no livro. Logo, não é uma compreensão completamente realística do conteúdo literário e sim, uma forma de utilizar metaforicamente esse conteúdo em favor de um esclarecimento mais amplo em relação às condições de vida que os indivíduos migrantes assumem em situações culturalmente localizadas. Verifica-se que os múltiplos problemas psicológicos esboçados por esses sujeitos em diferentes contextos, refletem antes, uma forma patológica de subjetivar das novas referências sócio culturais que a viagem lhes impõe. Dialogando também com os discursos medicalizantes que atravessam o entendimento geral dessa subjetivação. Demonstrando de modo na categoria sintomatológica síndrome de Ulisses descrita pelo psiquiatra espanhol Joseba Achotegui.

Palavras-chave: Choque cultural; Sofrimento psíquico; Sujeitos.



ALEF DE OLIVEIRA LIMA é mestrando em Antropologia Social (UFRGS).



Ulisses e as sereias

Introdução: preliminares literárias

Um livro, tal como ele é pensado no interior da cultura ocidental, não é significativo por si mesmo. Enquanto artefato material e simbólico ele é resultado de uma complexa rede de dispositivos sociais que resultam na sua fabricação. Considerando uma apreciação voltada para a ciência antropológica, o livro é investido por um novo léxico, e assim o que mais pode interessar é a construção dos significantes a ele subjacentes. Neste aspecto, a questão literária reflete uma relação do sujeito para com sua cultura. A literatura tende a conformar-se numa inscrição subjetiva do social, mediado pela linguagem que o remete, e produzido por certo nexos cultural a ele remetido, a literatura surge tripartida

assim como a linguagem. Um exemplo dessa hipótese é esclarecido por Lévi-Strauss:

Pode-se, inicialmente tratar a linguagem como um *produto* da cultura: uma língua, em uso numa sociedade, reflete a cultura geral de uma população. Mas num outro sentido, a linguagem é uma *parte* da cultura; constitui um de seus elementos, dentre outros. Recordemos a célebre definição de Tylor, para quem a cultura é um conjunto complexo que compreende as ferramentas, as instituições, as crenças, os costumes e também, bem entendido, a língua. Segundo o ponto de vista no qual se situa, os problemas colocados não são os mesmos. Mas não é tudo; pode-se também tratar a linguagem como *condição* da cultura, e por

duplo motivo: diacrônico, visto que é sobretudo através da linguagem que o indivíduo adquire a cultura do seu grupo [...] LÉVI-STRAUSS, p. 86,1996)

Essa posição epistêmica não pode ser tomada de modo universalizante; no entanto, a dimensão narrativa que surge entre os diferentes gêneros literários é passível de ser tomada enquanto um fato antropológico comum a uma infinidade de culturas, tanto orais como escritas. E sob essa perspectiva, a narração é uma forma de fazer cultural dos agrupamentos humanos e o romance, um de seus gêneros, melhor explicitaria esse posicionamento. O livro que irei analisar é um romance e parece-me necessário entender antropologicamente o que essa modalidade discursiva pode conter acerca do fenômeno humano.

Nessa percepção, o antropólogo americano Jack Goody, em sua pesquisa acerca do ato narrativo enquanto marcação inventiva das primeiras culturas escritas do mundo, pressupõe que:

O ato de escrever estabelece automaticamente uma distância entre quem conta e seu público, e isso faz muita diferença. Quem conta ou quem lê tem um tempo para refletir sobre aquilo que está fazendo. Uma folha em branco e uma caneta representam um convite a reorganizar a narração, estruturando algumas recordações ou inventando certos fatos imaginários. Começa-se pelo alto da página e se prossegue até o final dela. Não se veem (quase nunca) interrupções nem enquanto se escreve nem enquanto se lê. Ao contrário, o discorrer humano funciona de modo bem diverso; quem fala é interrompido continuamente [...] (GOODY, p. 50, 2009).

Logicamente, a acepção que Goody defende implica instalar no fato literário o registro subjetivo do próprio escritor, e em um sentido pleno, a narração é um gênero de duplo significado, já que é construído individualmente ao mesmo tempo em que é refratário das relações sociais do sujeito que escreve. Há de se imaginar que uma história narrativa é fruto de uma mente criativa, que por meio daquilo que vivenciou transformou suas experiências em algo que está para além dela mesma, narrar significa compartilhar um traço biográfico por meio da descentração da biografia, enfim, trata-se de interromper o outro pela exposição sintética de uma realidade vivencial.

A síndrome de Ulisses serve a uma profícua investigação antropológica, por colocar em jogo a perspectiva cultural no âmago das narrações individuais. Seu autor é o filólogo Santiago Gamboa. Ele nasceu em Bogotá (Colômbia) em 1965, iniciou seus estudos literários na Universidade Javeriana, e se diplomou em filologia hispânica na Universidade Complutense de Madrid, depois morou em Paris, onde estudou literatura cubana na Sorbonne. Na sua formação profissional foi jornalista na América Latina Serviço de Radio France Internationale (RFI) dos anos de 1993-1997. Atualmente é embaixador da UNESCO em Nova Delhi. Dentro da cena literária internacional sua fama como escritor foi cristalizada em torno da narrativa latino-americana, seu livro *A síndrome de Ulisses* foi escrito em 2005 e ganhou em 2009 o prêmio romance V La otra Orilla¹.

¹ Maiores informações consultar:<<https://www.escriitores.org/biografias/4039-gamboa-santiago>>. Acesso em 27.03.2015

Particularmente, esse livro leva sua marca mais distintiva e tem como tema condutor a condição dos imigrantes (legais e ilegais) numa Paris sombria da década 1990, é interessante ressaltar que essa Paris não é glamorosa, está esvaziada de luzes e encontra-se como se estivesse de cabeça para baixo. O lugar dos imigrantes é o núcleo da narrativa, pelo menos inicialmente. Ao longo do texto os personagens desenham sobre o romance multiétnico o percurso social da cultura de cada um. O tempo psicológico ao qual a trama responde é uma temporalidade dos sofrimentos, o recurso estilístico empregado por Santiago serve-se da forma caleidoscópica, como no conto árabe, ‘Mil e Uma Noites’, cada história conta uma história – sucedendo-se nos laços de culturas que entram em contato, sonhos que se despedaçam e desejos que se cruzam.

O romance é narrado por Esteban, um colombiano que faz o programa do doutorado em Sorbonne. O personagem funciona enquanto malha de tessitura que articula as histórias com as quais se depara. Em toda a trama suas aventuras particulares atingem o cerne dos “nós” culturais de cada personagem. O seu percurso sintetiza, ou, pelo menos, tenta sintetizar, mais de 17 indivíduos com suas respectivas idiosincrasias. Ele tem contato (físico e social) com exilados políticos, guerrilheiros, prostitutas, noivas “libertinas”, mulçumanos e mulçumanas, homossexuais “enrustidos” e não “enrustidos”, professores de escolas públicas, proletários de todas as ordens, coreanos do sul e do norte, torturados, franceses, alemães, intelectuais e escritores marginais. Toda a sorte de “excluídos” compunha a densidade de um conto que se reconta.

As culturas com as quais Esteban se defronta, apareciam dos modos mais extraordinários possíveis, mesmo nos momentos de sensualidade, é curioso observar como a busca dos prazeres tende a esbarrar nos pertencimentos culturais e religiosos de cada um. A respeito disso, a passagem do livro em que Salada, uma jovem somali, se encontra em vias de excitação com Esteban, é exemplificadora. Nessa altura, ela comenta e discute com ele:

[...] sei que você me respeita e por isso não quer se aproveitar, mas antes que aconteça algo quero lhe dizer uma coisa, você precisa saber que eu sou somáli e portanto fui “costurada”, entendeu? Disse isso me olhando muito séria, com seu nariz grudado no meu, e eu lhe dei um abraço, claro que entendo, disse eu, e sinto muito, é uma das coisas da sua cultura islâmica que eu jamais vou compreender, se é que tem algo a ser compreendido nesta barbaridade. Ao ouvir isso, Salada retirou sua mão do meu pescoço e disse, colérica, que eu devia respeitar suas tradições, que ela mesma, aos quinze anos, tinha se feito “costurar” e, é claro, extirpar o clitóris, em Mogadíscio, e que o fizera porque se considerava uma boa somáli, respeitadora de sua cultura, diante do que eu não soube o que dizer [...] (GAMBOA, p. 164-165,2006)

O livro possui um desfecho trágico, e seu título ajuda a compreender do que se trata essa “síndrome de Ulisses”. A história de Santiago Gamboa se centra em uma dramatização psicossocial das condições culturais e econômicas sofríveis dos imigrantes. O nome de seu romance é a terminologia psiquiátrica dada à sintomatologia apresentada por esses sujeitos. A tragicidade, longe de ser um atributo estilístico ou imaginário do autor, é o aspecto que mais denota

um sentido realístico a sua trama. Talvez, como dito anteriormente, exista o traço descentrado da biografia do escritor, imiscuído naquilo que ele tenta dizer, sem dizer, que é ele que diz.

A definição da tragédia “anunciada” não se reduz ao fim. Logo no começo, nas descrições de sua chegada Esteban nos fala:

Naquela época a vida não me sorria. Mais bem fazia caretas, como se algo lhe provocasse um riso nervoso. Era o início dos anos noventa. Estava em Paris, cidade voluptuosa e cheia de gente próspera, embora não fosse o meu caso. Longe disso. Os que tínhamos chegado pela porta de trás, esquivando o lixo, vivíamos muito pior que ratos ou insetos. Não havia nada, ou quase nada, para nós, e por isso nos alimentávamos de desejos absurdos. Todas as nossas frases começavam assim: “Quando eu for...”. (GAMBOA, p. 13, 2006)

É desta perspectiva, de uma forma de sofrimento aliada a uma situação social específica, que incorre a questão de pensar o *choque cultural* na incidência do sofrimento psíquico. É preciso analisar de que modo existem correlações na produção sintomática desses sujeitos – que respondem, de maneira indireta, ao percurso transgressor dos seus contextos culturais de origem e o seu “desajuste” neste outro lugar que os recebe. Cabe também perceber suas questões particulares, os modos de recepção destes sujeitos, os significantes de suas situações, e o debate próximo com as generalizações psiquiátricas que camuflam dimensões sociopolíticas na prescrição de seus diagnósticos. É preciso então desfazer o engodo desse futuro da frase: “Quando eu for...”, pois ele (o futuro) só se mostra sob a forma de uma ilusão.

1. O *choque cultural* na incidência do adoecimento psicopatológico

O *choque cultural*, enquanto categoria teórica, se presta a entender o fenômeno no qual o sujeito vê-se em uma densa situação de estranhamento, fruto de um deslocamento cultural, que define, deste modo um conjunto de afetos processados na produção de um mal-estar que tanto respondem ao corpóreo como também reverberam no psiquismo. Compreendendo que essa delimitação não pretende constituir relação de casualidades fenomênicas entre os sintomas e a realidade social dos indivíduos, mas estabelecer as particularidades que cada sujeito remete ao léxico de sua cultura e aos efeitos de sua viagem. Sendo assim, a premissa é entender a “síndrome de Ulisses” enquanto um peso social subjetivado que se dá a ver no corpo e na ação psicopatológica.

Para tanto, é necessário deixar claro que minha hipótese tem como foco a dramaturgia do texto de Santiago Gamboa, porém, entendendo que a questão dos atores postos na trama tem por base as experiências reais de populações migrantes. Optei por refletir sobre a dimensão psicopatológica a partir do discurso da chamada etnopsiquiatria, da antropologia cultural e dos sujeitos em “trânsito”, ressonando uma perspectiva hermenêutica, possuindo enquanto contexto a realidade da União Europeia (U.E.).

Dentro da produção antropológica contemporânea, a questão da imigração ganhou múltiplas faces enquanto lócus de pesquisa, principalmente, nos regimes de articulação entre áreas disciplinares e epistêmicas diferentes. Uma dessas áreas são as demandas de saúde mental no âmbito do atendimento público e suas relações com os sujeitos

de culturas diferentes. No interior dessas premissas, fica evidente que:

Os profissionais da saúde não possuem a preparação cultural adequada para se relacionar com os utentes provenientes de outros contextos, e quase não existe colaboração interdisciplinar entre ciências médicas e sociais. As sondagens europeias sublinham a alta percentagem de mal-entendidos entre operadores da saúde e pacientes imigrantes, mesmo quando estejam presentes mediadores linguísticos; e realçam como o uso da categoria “imigrante”, proposta nestes programas terapêuticos, homogeneiza experiências e vivências que podem ser completamente diferentes [...] (PUSSETI, p. 29, 2009)

É nesse contexto de homogeneização das experiências migrantes que surge a questão do diagnóstico sindrômico da “síndrome de Ulisses”. A construção de uma generalização psiquiátrica no período de intensificação das políticas punitivas e de controle populacional dos “refugiados”, “exilados”, “sonhadores” usa de uma base biologizante e psicofarmacológica que tende a reduzir o sujeito ao seu sintoma, e este é outra vez reduzido a um léxico padronizado no interior de um saber especializado, defrontando-se muitas vezes com posicionamentos estereotipados e discriminatórios. Sobre esse fato é que emerge nos anos 2000 a aceção sintomatológica de Ulisses. O psiquiatra Joseba Achotegui, professor titular da Universidade de Barcelona, “descobre e define” esses sintomas sob a denominação “síndrome de Ulisses”:

Emigrar está se convertendo hoje para milhões de pessoas em um processo que passa por níveis de estresse tão intensos que chegam a superar a capacidade de adaptação

dos seres humanos. Estas pessoas são as candidatas a padecer da Síndrome do Imigrante com Estresse Crônico e Múltiplo *A síndrome de Ulisses* (fazendo menção ao herói grego que padeceu de inúmeras adversidades e perigos longe de seus entes queridos). O conjunto de sintomas que conformam essa síndrome constitui hoje um problema de saúde mental emergente nos países de acolhida desses imigrantes. (ACHOTEGUI, p. 39, 2005)²

Ao mencionar o mito grego de Ulisses e sua viagem de volta para ilha de Ítaca, onde sua mulher e filho esperam o retorno do rei, Achotegui faz uma interessante analogia com a condição migrante e as suas dificuldades. Entretanto, o que o psiquiatra não diz em sua analogia é que o herói enfrenta as adversidades provocadas pelo deus do mar Poseidon e suas criaturas. Essa divindade tenta quebrar o orgulho de Ulisses desviando-o de seu caminho, tornando-o um ser sem lugar. Sacrificado pela dureza do deslocamento, o herói se depara com monstros incomensuráveis como os ciclopes, Cila e Caribde (duas serpentes marinhas que sugam e vomitam as águas do oceano em um movimento frenético), além das sereias que

² Essa versão é uma tradução livre do autor deste ensaio, para conferir a pertinência da mesma, aqui está à passagem original na íntegra: *Emigrar se está convirtiendo hoy para millones de personas en un proceso que posee unos niveles de estrés tan intensos que llegan a superar la capacidad de adaptación de los seres humanos. Estas personas son las candidatas a padecer el Síndrome del Inmigrante con Estrés Crónico y Múltiple o Síndrome de Ulises (haciendo mención al héroe griego que padeció innumerables adversidades y peligros lejos de sus seres queridos). El conjunto de síntomas que conforman este Síndrome constituyen hoy un problema de salud mental emergente en los países de acogida de los inmigrantes.* (ACHOTEGUI, p. 39, 2005).

resultam na ambivalência de sua formação alucinatória, metade mulher e metade peixe.

O processo de deslocar-se não é um fenômeno que se percebe de modo exclusivamente individual, ele se implica nos imaginários e espaços sociais destinados aos imigrantes. A formação patológica não se forma de maneira eminentemente medicalizada e sua base não poderia ser formulada com uma ótica biologizante, pois se corre o risco de negligenciar os agenciamentos sociopolíticos que incidem na subjetivação sintomática. Com esta perspectiva em mãos, a reflexão da invisibilidade social, as condições econômicas precárias, os históricos de discriminação cultural e jurídica, são fatores que criam consequências subjetivas diversas e por isso devem ser levados em conta na produção diagnóstica.

Cabe argumentar que:

A “psicopatologia” identificada no migrante seria nesta visão o resultado da passagem árdua entre uma cultura e a outra, da falta de integração na sociedade de acolhimento, da crise identitária, da discriminação: será a tentativa de mestiçagem impossível a geradora de patologias psíquicas (Nathan,1994), assim como a ambivalência da posição do imigrante (Risso e Frigessi, 1982), a laceração insanável entre utopia e saudade (Bordonaro e Pusseti, 2006), entre ilusões e sofrimento (Sayad,1999). (PUSSETI, p. 33, 2009)

Mesmo considerando que a categoria psiquiátrica traçada por Achotegui se preste a entender as estigmatizações e as demandas psíquicas impostas no trânsito cultural, sua acepção se baseia em condições medicamentosas universalizantes, e, por esse modo,

tende a desconsiderar o percurso distinto e distintivo de cada sujeito:

Mas o que sucede nesta constituição de um paciente imigrante estereotipado como sujeito psiquiátrico é a reprodução de uma ideologia médica que sistematiza características e comportamentos socioculturais num conjunto de sintomas psicopatológicos. A leitura medicalizante da condição do imigrante permite por outras palavras transformar os problemas sociais, econômicos e políticos de grupos desfavorecidos em elementos potencialmente patológicos que podem ser controlados e monitorizados farmacologicamente. (PUSSETI, p. 38, 2009)

O *choque cultural* que incide na formação sintomática do imigrante, não se recobre unilateralmente em relação a sua cultura, o sujeito migrante também tem uma particularidade que diz respeito às formas de sentir e resistir que desenvolveu ao longo de sua trajetória. O impacto dele no aparecimento do sintoma tem a ver com essa duplicidade singular à qual está submetido o indivíduo. O corpo é o lugar disputado nas angústias, e apesar de serem culturalmente sentidas, elas refletem modos idiossincráticos de interiorização e subjetivação da perda dos laços sociais de origem. E sobre esse ponto de vista, outra vez Gamboa comenta, sob a forma do personagem de Esteban:

Ao chegar vi que Jung não estava em nenhum quarto ou sala de cirurgia, mas já no necrotério. Uma enfermeira me pediu para esperar num banco e, quando sentei, estava com os olhos em lágrimas. Era estranho, chorava e ao mesmo tempo sentia muita raiva. Pouco depois chegou o proprietário do

restaurante, que estava na administração do hospital, e me perguntou se sabia o que havia acontecido com Jung. Não sei o que aconteceu, respondi, disseram que está no necrotério. Eu sei o que foi, disse o proprietário, pulou da janela do quarto dele, que ficava no sexto andar. (GAMBOA, p. 369, 2006)

É possível observar nessa passagem como a perda das relações sociais e dos nossos lugares subjetivados se dá a ver de forma extrema. O suicídio é um exemplo profícuo desse fato, pois é nele que a ausência do laço se faz presença.

Conclusão: a subjetivação em Ulisses e as formas de sofrimento do viajante

Na construção da minha abordagem foquei em estabelecer um conjunto de correlações indiretas entre a formação da sintomática psicopatológica e a transição cultural dos sujeitos, assim, necessitei incrementar as conclusões acerca do deslocamento do indivíduo migrante, como carga social que se desenvolve em uma marcação psíquica problemática, ou seja, geradora de um mal-estar subjacente. Apresentei as dificuldades de conceber o sofrimento psíquico enquanto um atributo particular dos significantes culturais e vivências de cada sujeito. Afinal, esse tipo de abordagem psiquiátrica obstaculiza a percepção dos modos de subjetivação como inscrições significativas no adoecer psíquico.

A condição do migrante demanda uma compreensão tríplice do seu percurso: em primeiro lugar, ele é um sujeito que se deslo(u)cou, fez da passagem uma porta e está num lugar que ainda não foi marcado no seu psiquismo. Depois, o seu adoecimento é uma relação particular entre essa subjetivação do lugar estranho e o léxico cultural de sua origem social; em suma, é esse léxico que organiza a formulação do seu Eu.

Em terceiro, é importante afirmar que essa demarcação subjetiva do estranhamento também incorpora o modo como o sujeito é recebido no novo território de sua travessia. Importa também mostrar de que maneira a cultura ocidental compreende a função/constituição do Eu na base dos processos de subjetivação que ele aciona, ora frente ao nomadismo, ora no sedentarismo de nossos posicionamentos psíquicos. Nesse sentido, ressalto a seguinte descrição esclarecedora de Roy Wagner:

O “eu” precipitado por essa Cultura (o “id” freudiano) é individual, particularista, e não obstante espontâneo e motivador. Ele é experimentado como um aspecto aparentemente pessoal e “interno” do mundo natural, como um amálgama de forças naturais, impulsos e anseios. Geralmente identificado com a forma e o funcionamento da constituição física do homem com hormônios, química e cognição, ele é na verdade invenção disfarçada de “vida”. (WAGNER, p. 199, 2012)

É justamente essa reinvenção do Eu (vida) dentro do imigrante que desempenha uma função problemática. Sendo que ele subjetiva na própria produção de suas novas referências culturais questões de ordem discriminatória e estigmatizante. Esse novo Eu de Ulisses é pressionado por um estranhamento desconcertante que cria uma etiologia sintomática mimética entre as maneiras que ele demarcou psicologicamente a sua viagem e a recepção desse novo lugar. Os sintomas geralmente se apresentam na forma de angústias, sensação de carência afetiva e social, estresse crônico, sensação de perseguição, baixa autoestima, dentre outros.

Sobremaneira, a sintomatologia também é uma forma de reação corpórea que surge pela ordem da cultura e exerce pressão sobre os próprios sentimentos, “condenados”, por assim dizer, a se expressarem na carne. Marcel Mauss foi o primeiro a relacionar de modo uníssono as ressonâncias do físico, do psíquico e do social, balizados por uma convergência insolúvel (fato social total). Com efeito, não medimos até onde a cultura é uma elaboração recíproca de sofrimento e compensação, como nos fala Sigmund Freud, no aclamado texto *O Mal-estar na Civilização*:

A patologia nos apresenta um grande número de estados em que a delimitação do Eu ante o mundo externo se torna problemático, ou os limites são traçados incorretamente; casos em que partes do próprio corpo, e componentes da vida psíquica, percepções, pensamentos, afetos, nos surgem como alheios e não pertencentes ao Eu; outros, em que se atribui ao mundo externo o que evidentemente surgiu no Eu e deveria ser reconhecido por ele. Logo, também o sentimento do Eu está sujeito a transtornos, e as fronteiras do Eu não são permanentes. (FREUD, p. 17, 2010)

Desse ponto de vista, os limites móveis entre as instâncias de subjetivação e os elementos da cultura respondem de forma idiossincrática aos fenômenos psicopatológicos e as maneiras padronizadas das representações do que seja a saúde. O imigrante serve de exemplo desses processos correspondentes, na medida em que seu trânsito cultural solicita a vivência de uma subjetivação exposta pela ordem sociopolítica vigente. Sobre essa experiência de fratura cultural, o psiquiatra Frantz Fanon, no início da

década 1960, reflete acerca da recepção francesa aos negros da ilha de Martinica:

Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia de desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos. Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador; percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraindo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução. Fiquei furioso, exige explicações... Não adiantou nada. Explodi. *Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu.* (FANON, p. 103, 2008. Grifos meus.)

Os tropos do viajante são tão móveis quanto ele, não me parece à toa que seus sintomas sejam uma forma de sinalizar a sua subjetivação transgressora, que incomoda o controle biopolítico dos Estados Nacionais. Mas, existe algo mais estranho e tão flexível topograficamente quanto esses tropos: trata-se da nossa identificação com Ulisses. Nossas vidas remetem a um nomadismo imperceptível, que, quando projetado literariamente, desperta uma carga de afetos irresolutos, nunca aplacados porque são sentidos pela ordem do desejo. Santiago Gamboa percorre essa insolúvel solução psicopatológica na forma do antropólogo que se depara com uma alteridade sensível, e por ela faz seu caminho inteligível. Afinal, a “síndrome de Ulisses” não passa da síndrome de nós mesmos, implicados na odisséia interior que impreterivelmente nos leva a um retorno dos pertencimentos

culturais que nos conformam, até mesmo, na constituição das lógicas do sofrimento.

Referências

ACHOTEGUI, Joseba. *Estrés y Salud Mental: El síndrome del inmigrante con estrés crónico y múltiple (síndrome de ulises)*. **Revista Norte de Salud Mental de Sociedad Española de Neuropsiquiatria**, v. V, n. 21, p. 39-53, 2005.

FANON, Frantz. **Pele Negra e Máscaras Brancas**. Tradução de Renato Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar da civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. [1930-1936]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos**. [1926-1929]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GAMBOA, Santiago. **A síndrome de Ulisses**. Tradução de Luiz Reyes Gil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

GOODY, Jack. *Da oralidade à escrita: reflexões antropológicas sobre o ato de narrar*. In: MORETTI, Franco (Org.). **O romance, 1: A cultura do romance**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. 5 Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PUSSETI, Chiara et all (Org.). **Migrantes e saúde Mental: a construção da competência cultural**. Lisboa: Alto-comissariado para a imigração e diálogo intercultural (ACIDI, I.P.), 2009.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

*Recebido em 2016-03-26
Publicado em 2016-10-06*